



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE AÇÕES ARTICULADA DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA(PARFOR)

ELIANA GOMES PINHEIRO

REFLEXÃO: UMA BASE PARA MUDANÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ABAETETUBA – PARÁ

2017

ELIANA GOMES PINHEIRO

REFLEXÃO: UMA BASE PARA MUDANÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, como requisito para obtenção de Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. Orientado pela professora Rosângela Garcia.

ABAETETUBA – PARÁ

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P654r Pinheiro, Eliana Gomes.
Reflexão: : uma base para mudança na prática pedagógica /
Eliana Gomes Pinheiro. — 2017.
49 f. : il.

Orientador(a): Prof^{ra}. Rosângela Garcia
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2017.

1. Formação . 2. Memória. 3. Prática pedagógica. I. Título.

CDD 370

ELIANA GOMES PINHEIRO

REFLEXÃO: UMA BASE PARA MUDANÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, como requisito para obtenção de Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. Orientado pela professora Rosângela Garcia.

Data de Aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientadora Prof^ª Rosângela Garcia

ABAETETUBA – PARÁ

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, e por estar presente em todos os momentos de fraqueza, sendo minha fortaleza, permitindo sempre vencer meus medos.

Ao meu esposo Santino, pelo incentivo, companheirismo, paciência e por estar ao meu lado nas horas das incertezas da vida.

Aos meus três filhos Sony Anderson, Elianderson e Sônia Ellen, que sempre tiveram uma palavra de apoio quando percebiam que algo não estava indo bem.

A minha família que sempre torceu pelo meu sucesso.

A minha orientadora professora Rosângela Garcia que foi muito importante nesse processo.

Aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba, que transmitiram conhecimentos, experiências e exemplos de vida, expresse meu profundo agradecimento e respeito.

Agradeço a todos, que direta ou indiretamente cooperaram para a minha formação.

Dedicatória

Dedico a Deus em primeiro lugar, à minha família, a todos os meus colegas que
sempre me incentivam nos momentos difíceis.
A todos os professores por entenderem nossas dificuldades.

***Embora mestres e livros sejam auxiliares necessários...
É com Esforço Próprio que se consegue os mais brilhantes resultados.
Autor desconhecido***

RESUMO

Este Memorial é uma abordagem de pontos importantes da trajetória da vida estudantil, profissional e acadêmica no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia minha, sua finalidade é descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências pessoais e profissionais adquiridas, passando pelo ingresso para o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, que foi a concretização do sonho de chegar à formação acadêmica, um sonho que para mim, mulher de origem simples da região ribeirinha muitas vezes pareceu impossível. Ainda traço uma reflexão sobre processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as mudanças e novos direcionamentos em minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias e concepções educacionais do pedagogo, adquiridas em minha formação acadêmica.

Palavras-chave: Formação. Memória. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This Memorial is an approach of important points of the student life, professional and academic of the course of Full Degree in Pedagogy of my, its purpose is to describe childhood memories, from the first contact with the personal and professional experiences acquired, passing through the entrance For the Full Degree in Pedagogy Course of the Federal University of Pará, which was the fulfillment of the dream to reach academic formation, a dream that for me, woman of simple origin of the riverside region often seemed impossible. I still draw a reflection on the process of knowledge construction during the period of training and learning, as well as the changes and new directions in my pedagogical practices, facing a new understanding of the theories and educational conceptions of the pedagogue, acquired in my academic formation.

Keywords: Training. Memory. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1-	Introdução	6
2-	Infância e Vida Estudantil: uma trajetória árdua e ao mesmo tempo gratificante.....	7
3-	Trajetória Profissional	15
4-	Formação Acadêmica	19
5-	Considerações Finais	30
6-	Referências	32
	Anexos	

1 INTRODUÇÃO

Este Memorial é um pré-requisito à obtenção do título de licenciada plena em Pedagogia e expõe acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória estudantil, profissional e acadêmica. Escrever esta narrativa foi reviver momentos inesquecíveis de experiências em diferentes circunstâncias e nas diversas etapas da vida. Contextualizei com as teorias estudadas durante o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

O memorial (do latim *Memoriale*) é a escrita de memórias e significa momento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis. O momento – que quer dizer ‘lembra-te’ – de modo geral pode ser compreendido como uma marca que serve para lembrar qualquer coisa.

Elaborar um memorial descritivo é reconstruir a própria existência. Essa não é uma tarefa fácil, pois, na opinião de Boaventura (1995), “memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades.” Sendo assim ao elaborar este memorial levei em conta a crítica e autocrítica do desempenho acadêmico ao longo da minha trajetória. Neste ensejo procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerência e incoerências, e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha trajetória acadêmica que envolve o pessoal e profissional. O desafio proposto é resgatar fragmentos das experiências passadas conscientes e “inconscientes” que possam dar vida ao Memorial de Trajetória Acadêmica e as transformações percebidas no decorrer dessas experiências.

Procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional. Além de considerar este memorial auto avaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos. Para alcançar esta finalidade, subdividi em cinco partes. Esta introdução tem como finalidade apresentar a forma estrutural. Logo em seguida, refletiremos e analisaremos a formação inicial da alfabetização ao magistério. Na terceira, estão as considerações sobre a prática pedagógica exercida em função do aprendizado no curso de magistério. Na quarta parte, a reflexão e a

análise das aprendizagens com relação a prática educativa do pedagogo adquiridas durante a trajetória acadêmica. E na quinta e última parte, considera-se a importância deste trabalho para a formação continuada em decorrência dos estudos realizados.

Assim este memorial, portanto, é o produto de uma análise de minha trajetória educativa e de uma revisão de literatura das obras estudadas, discutidas e analisadas ao longo do curso. Os autores aqui citados foram selecionados para fundamentar teoricamente os conhecimentos pessoais, bem como uma preocupação em destacar em cada período a questão que me pareceu mais ilustrativa e mais importante. Esta produção parte da necessidade de contextualização da teoria e prática.

O tema escolhido foi **“Reflexão: uma base para mudança na prática pedagógica”**, visto que partindo da análise de nossas próprias ações conseguiremos refletir sobre eu prática utilizaram durante nosso processo de ensino-aprendizagem e sobre que práticas deveremos adotar a partir dessa análise, haja visto que traçando um perfil poderemos nortear nossa prática, e melhorar, aprimorar ou ainda alterar totalmente tudo que já conhecemos, tentando obter o melhor resultado possível no processo de ensino-aprendizagem. Refletir o que vivemos, como nos comportamos e os resultados obtidos é um norteamento para melhorias.

A opção pelo Memorial e não pelo Trabalho de Conclusão de Curso tradicional – se deve pela oportunidade de produzir uma narrativa sem a limitação do espaço e que tenha o objetivo claro de reflexão. Podemos afirmar que a experiência tem grande relevância no processo reflexivo do profissional. Sendo assim, o meio escolhido é o Memorial Acadêmico, que fornece mais liberdade de tamanho e linguagem e com a qual me identifico. No memorial, irei desenvolver a abordagem teórica com base nas leituras e no aprendizado durante a faculdade.

O tema se justifica, primeiramente, pela necessidade de refletirmos nosso processo avaliativo enquanto docentes. Por isso a importância desta forma diferenciada de temática para a produção de final de curso.

Analisando o cenário educacional brasileiro na atualidade percebemos que ainda está enraizado o tradicionalismo nas práticas pedagógicas, e todo educador deveria sentar e refletir sua história, de que forma adquiriu conhecimento, como este lhe foi repassado, de que forma, este ato de refletir a própria história servirá como

base de sustentação para a criação de sua prática e esta poderá seguir o que lhe foi proposto, seguindo o modelo tradicional ou propor inovações que busquem mudar o quadro educacional brasileiro atual.

Meu objetivo geral foi produzir narrativa traçando a linha com os principais fatos dos quais fui personagem tanto na vida familiar quanto docente e acadêmica, em linguagem formal. Passando por todas as etapas de minha formação e realçando o aspecto prática pedagógica, enfatizando minha vida enquanto aluna, depois como professora e acadêmica. E o específico é a intenção, mais que abordar o tema, é tratá-lo de forma mais analítica, com foco nos personagens envolvidos no processo. Por meio do memorial, este trabalho pretende levantar reflexões sobre o respeito à diversidade avaliativa – que pressupõe o conhecimento do outro – e o reconhecimento deste. Por fim, incentivar a reflexão de vida para melhoria profissional.

Para escrita do Memorial buscarei reviver memórias de toda minha vida estudantil, minha trajetória enquanto docente e principalmente minha vida acadêmica, também farei uma revisão de literatura para casar as informações formalizando a relação teoria prática, o memorial será um produto resultante de tudo que vivenciei até hoje, com tudo que obtive como aprendizado no universo acadêmico

2 INFÂNCIA E VIDA ESTUDANTIL: UMA TRAJETÓRIA ÁRDUA E AO MESMO TEMPO GRATIFICANTE

A escrita deste memorial é para mim algo gratificante, foi preciso relembrar, rebuscar o passado adormecido em minhas memórias. Ao longo do trabalho, reconstituirei memórias de minha vida. Nasci na cidade de Abaetetuba, interior do Pará, no ano de 1970. Minha família é humilde, habitante da zona ribeirinha: minha mãe e meu pai são analfabetos, meu pai era viajante passava a maior parte do tempo fora de casa, pois não tiveram oportunidade de estudar devido ao trabalho penoso da roça. Mesmo assim tiveram o cuidado de matricular todos filhos na escola. E eu consegui concluir o ensino médio e chegar ao nível superior, atribuo ao fato de ter passado por uma educação doméstica, com obediência e respeito.

Meu caminho estudantil se iniciou no ano de 1977, aos sete anos de idade, no então jardim de infância, não havia a nomenclatura educação infantil naquela época, na Escola Municipal João XXIII, no rio Maúba – Zona Ribeirinha da cidade de Abaetetuba.

Tenho poucas lembranças dessa fase da minha vida: recordo-me da minha primeira professora, chamava-se Maria José Lobato, a única professora que lecionava naquela escola, uma pessoa muito rígida, usava a palmatória, nos castigava por qualquer coisa, isso marcou muito minha infância. Eu a chamava de tia e tinha grande afeto por ela. Minha mãe dizia para sempre respeitá-la como costume de uma época que perdura até os dias atuais, fui condicionada a chamá-la assim.

Paulo Freire (1994, p.26) se posiciona a respeito desta titulação,

Professora é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos mesmo que amar só não baste e sem gostar do que faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar do que sendo tia dizer que não gosta de ser tia. Assumir a função de professora é mais que ser uma simples tia. Requer cuidar e educar para vida, para que cada educando possa construir sua história baseada nos valores morais e éticos, podendo assim, exercer a cidadania.

Recordo que minha sala de aula ficava na casa de um senhor chamado Marcelino, uma casa grande de madeira muito arejada, lá fui matriculada na “primeira série atrasada”, como se nomeava na época, a turma com alunos com dificuldades de aprendizado ou com idade em contraste com a série que deveria cursar, como eu apresentava dificuldades.

A professora da época nos proporcionava momentos de aprendizado tradicionalista, as técnicas utilizadas para trabalhar a coordenação motora da escrita não se diferem muito das atualmente utilizadas em algumas instituições de ensino, nas quais a prática comum é ligar pontinhos para formar as letras e os números, como também relacionar gravuras, com as letras iniciais das palavras.

O Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 93), afirma que,

Enquanto desenham ou criam objetos, as crianças também brincam de “faz de conta” e valorizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de pensar e sentir, o mundo sobre qual estão inseridas. A criança cria, recria individualmente formas expressivas interagindo percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que poderão então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. É necessário deixar que a criança desenvolva seu lado artístico, pois elas têm por natureza criatividade, curiosidade e o prazer de aprender.

Confesso que tive inúmeras dificuldades nessa época, mas essa professora, a primeira e que me acompanhou até a quarta série do ensino fundamental, ela foi minha maior incentivadora, sempre me mostrando que estudar era a melhor forma de mudar de vida, visto que conhecia minhas origens humildes. Considero esta etapa de minha vida de extrema importância, porque foi a base de toda minha aprendizagem.

Na minha sala de aula não tinha nenhum tipo de decoração exposta nas paredes e os únicos mobiliários que existiam eram mesas e cadeiras, não havia mural, como também não existia algum espaço destinado a brincadeiras ou brinquedos disponíveis para que pudéssemos brincar.

Para Cruz e Fontana (1997, p.118),

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa, na escola. Pela brincadeira e pelo desenho, ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações sociais em que a criança está emersa são elaboradas, revividas compreendidas.

Nos dias atuais entendo que, a brincadeira auxilia a criança a se envolver e sentir necessidade de socialização, possibilitando desenvolver capacidades tais como atenção, afetividade, socialização, concentração e outras habilidades fundamentais para sua identidade e autonomia. Assim a tem a educação infantil tem a necessidade de proporcionar às crianças diversas maneiras de brincar, de modo que elas adquiram novas aprendizagens, favorecendo a autoestima e auxiliando-as

a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Muita coisa já não recordo do meu passado, porém busquei ouvir alguns relatos e pouco a pouco começou a ressurgir em minha mente experiências vividas.

Costa e Gonçalves (2006, p. 3) afirmam que resgatar histórias de vida permite voos bem extensos,

[...] Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados como pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de luta de acatamento, de resistência, de resignação e criação.

Com sete anos de idade fui para a sala de alfabetização na qual comecei as primeiras aquisições de conhecimento em relação à leitura e escrita, a partir de um método resumido, que consiste na apresentação de letras, sílabas e formação de frases. Isso se realizava de maneira mecânica e completamente descontextualizada, fazendo com que o aluno identificasse imagens e relacionasse ao som das letras. Quando todos essas letras eram arquivados e a criança tinha capacidade de formar palavras e lê-las, era considerada alfabetizada. Assim, é perceptível que esse método contribuiu frente esse processo tão complexo de alfabetização.

De acordo com Borges (1998, p. 56),

O método resumido consiste fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre som e grafia. Neste sentido, todos os procedimentos metodológicos a ele ligados, quer partam da letra, do fonema ou sílaba, apresentam a aprendizagem inicial da leitura como algo mecânico. Trata-se por tanto, da aquisição técnica para decifrar o escrito em sons.

Assim, observo que a aprendizagem em primeira instância da leitura e da escrita é uma questão que exige mecanismos e se trata da obtenção de uma técnica para decifrar o texto lido, porque se idealiza a escrita por meio da passagem gráfica da linguagem oral e ler equivale a entender o escrito em som.

Ainda usei naquele tempo as famosas cartilhas do ABC, que duramente contrariavam o que assegura Freire (1996, p. 62) “aprender a ler e escrever não significa a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem”.

Tive uma fase da alfabetização difícil, porque não conseguia aprender as letras do alfabeto nem decifrar as sílabas e isso me atormentava muito. Ao final do ano letivo, alguns dos meus colegas já sabiam ler e eu não. Aquele método tradicionalista, rígido e mecanicista utilizado pela minha professora não me auxiliaram a desenvolver meu aprendizado, Zabala (1998, p. 89), deixa claro que,

A perspectiva 'tradicional' atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

Nessa tendência da pedagogia tradicionalista, o aluno era apenas um receptor de informações, um ser passivo. Devido a sua imaturidade e inexperiência, o seu pensamento era desprezado em sala de aula, desvalorizando bem como, seu senso crítico. Acredito que esse tipo de educação dificulta o prazer de aprender. Eu era uma criança muito tímida, ficava com dúvidas durante a aula, mas não tinha coragem de perguntar, por medo de ser criticada pela professora. Analisando essa época de minha vida percebo o quanto isso comprometeu minha vida escolar.

Cheguei ao ensino fundamental, continuei estudando e os professores também adotavam a pedagogia tradicional, sendo fundamental em suas aulas a ordem, o silêncio e, essencialmente, o respeito. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em sua introdução tecem um comentário sobre isso, “[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos”. (BRASIL, 1997, v. 1, p. 39).

Dessa forma, recordo que as atitudes adotadas pelos professores seguiam exatamente o que é relatado nos PCN. A metodologia de ensino baseava-se em atividades de cópias, ditados e memorizações, principalmente, da tabuada, ainda havia o uso da palmatória, então queríamos sempre aprender para evitar levar palmadas nas mãos. Os docentes da época acreditavam que, por meio da prática da repetição, os discentes chegariam à aprendizagem mais facilitada. Acredito que a prática da repetição não auxilia muito no processo de ensino-aprendizagem das crianças, pois se elas aprendem brincando, pelo lúdico é possível assimilar o conteúdo de forma mais significativa, por exemplo, nas aulas de matemática. Smole, Diniz e Cândido (2007, p. 11) diz que,

O trabalho com jogos nas aulas de matemática, quando bem planejado e elaborado, auxilia o desenvolvimento de habilidades como observação, análise, levantamento de hipótese, busca de suposições, reflexão, tomada de decisão, argumentação e organização, que estão estreitamente relacionadas ao raciocínio lógico. Nenhuma disciplina torna-se difícil se trabalhada com estratégias que levem o aluno a aprender de maneira lúdica, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, porque, nessa fase, a criança tem curiosidade e prazer em aprender.

De maneira especial nas aulas de matemática, na qual a maioria dos alunos sente dificuldades de assimilar alguns conteúdos. Acordando com o exposto por Borin (1996, p. 9) “uma das razões para a utilização dos jogos na sala de aula é possibilitar diminuir bloqueios apresentados por muitos alunos que têm receio da matemática e se sentem incapacitados para aprendê-la”. No contexto do jogo é impossível atitudes de passividade, pois a motivação é ampla e torna possível perceber que, ao mesmo tempo em que os alunos brincam, apresentam também um melhor desempenho e atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem.

Na época a que me refiro, do meu tempo de escola, as disciplinas que formavam o currículo eram cinco: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo Sociais e Ciências. Em Língua Portuguesa, as aulas eram propostas à leitura de pequenos textos, à prática do ditado de palavras e à cópia. Não havia a preocupação em levar o aluno à produção de textos, para que ampliasse sua criatividade. O que seria importante, pois, quando os textos são espontâneos, as crianças escrevem com mais interesse, sendo produção própria e não cópia. Em Matemática, sempre foi cobrado o estudo da tabuada, como também a efetuação das quatro operações fundamentais e a resolução de problemas, mas não eram problemas contextualizados, eram problemas simples que não exigiam nenhum tipo de trabalho em raciocinar. E nas disciplinas de Estudos Sociais e Ciências, os conteúdos eram trabalhados de acordo com o que os livros ofereciam, os assuntos retratados no livro didático não eram contextualizados, mas falavam sobre a vida, o corpo humano, a natureza e os animais. Enfim, tinham mais relação com o meu cotidiano. Sobre o estudo de Ciências Naturais os PCN aborda “[...] a ciência como um conhecimento na compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como o indivíduo, é a meta que se propõe para o ensino fundamental”. (BRASIL, 2001, v. 4, p. 23).

Olhando por esse lado, o professor de ciências deve levar o aluno a compreender o mundo em que vive. Para isso, há necessidade de utilizar nas aulas de campo quantas experiências concretas de fenômenos do dia a dia, forem possíveis, com a finalidade que o trabalho dinâmico irá agradar a turma além de facilitar a compreensão do tema abordado. Fator condicionante para o aluno sentir-se capaz de superar outras dificuldades que irão surgir durante as aulas, é sua participação nas atividades propostas e percepção suas potencialidades, a partir de

suas próprias produções. Na época em que passei pelo ensino fundamental, não tínhamos essa oportunidade, era o professor na frente dos alunos, falando e falando e nós estávamos condicionados a absorver ou decorar para as avaliações. Nessa época, lembro que já manifestava em mim o desejo de ser professora. Na minha casa, tinha uma sala, onde eu sempre gostava de brincar e, entre as várias brincadeiras, a de ser professora era a preferida. Pegava uma tábua velha e alguns gizos que trazia da escola e tudo que a professora fazia na sala de aula, eu repetia em minhas brincadeiras. Eu lembrava bem que na minha época, não me lembro de nenhuma falta de respeito ao professor. Os alunos eram mais comportados, os próprios pais condicionavam sempre respeito aos professores. Hoje, a escola tem sido palco de violência entre professor e aluno. Diante dessa trajetória tão significativa pra mim cito Andrade (1999, p.3):

[...] trazendo essa vivência para hoje, percebo que a escola proporcionou-me um imenso prazer em frequentá-la, o que, nos dias de hoje, muito pouco se vê. Hoje, parece que os alunos vão para a escola, na maioria das vezes, desanimados, sem vontade de lá está.

Em relação à avaliação, o aluno aprendia que havia apenas uma resposta correta para a pergunta feita e os resultados dos testes eram usados apenas como índice de aprendizado individual. Alves (2000, p. 29) diz que,

existem respostas certas e erradas, o equívoco está em ensinar ao aluno que é disto que as ciências, o saber, a vida são feitas [...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que, para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas. Espero que haja um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus voos!...Pois, isto também é conhecimento.

Recordo que período de provas e testes, eu pegava meu caderno e estudava até conseguir decorar o conteúdo, a verdade era essa decorar, pois a resposta não tinha que estar de acordo com o que entendi, e sim tinha que ser o que escrevi no caderno, exatamente igual. Isso me causava muita ansiedade, temendo errar e obter notas baixas, pois não queria que meus pais recebessem reclamações da escola. Lembro-me de uma vez que esqueci uma questão de multiplicação, então a copiei na mão e pedi para ir ao banheiro, a filha do dono da casa, onde funcionava a escola, estava na cozinha, pedi para que ela me auxiliasse, por obra do destino a professora entrou na cozinha e presenciou o ocorrido, ordenou meu retorno à sala de aula, ela voltou em seguida, retirou minha prova e ainda deixou-me de castigo no canto da sala até o final da aula, aquele momento me assombrou por vários anos e

depois disso sempre procurei ter um bom comportamento. Longe do hoje acontece, pois que a avaliação é contínua. O aluno é avaliado em todos os aspectos possíveis da sua aprendizagem. A própria formação de professores hoje requer que eles estejam mais capacitados para atuar de forma significativa.

Eu ingressei na 8ª série do Ensino Fundamental em 1985, percebi uma pequena diferença nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, já priorizavam o uso da gramática normativa. A prática da leitura e da escrita acontecia por meio de exercícios de produção de textos e leituras no livro didático. O ditado já não era utilizado. O aluno começava a ser incentivado a criar seu texto, expressando seu pensamento, por meio da escrita. Recordo que, a primeira vez que me pediram uma redação sobre o que o aluno esperava daquele ano ou que escrevesse sobre as férias, escrevi mais ou menos seis linhas, não estava preparada para escrever, muito menos expressar minha opinião.

Partindo do principal objetivo do ensino da língua portuguesa que é formar cidadãos capazes de utilizar com eficiência a leitura e a escrita da língua, de acordo com os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, v. 2, p. 30), temos:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento de capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos e lidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância que respondem a exigências práticas da vida diária, são o que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de pensamento mais elaborado e abstrato, os mais vitais da plena participação numa sociedade letrada.

Hoje, não satisfaz mais apenas decifrar o código escrito. O indivíduo precisa estar inserido ativamente em um processo de letramento, que se estenda por toda vida. A finalidade é dominar e colocar em prática o que se aprende na escola oferecendo assim maior possibilidade de participação nas redes sociais da linguagem oral e escrita.

Em Matemática, a tabuada foi deixada de lado. Devíamos de estudar os conteúdos que o professor passava para obtermos a nota máxima. Dou ênfase as minhas muitas dificuldades nessa disciplina e na compreensão dos assuntos, por isso minha nota era sempre esteve na média limitada. Fiquei em recuperação algumas vezes para poder obter a aprovação. Já ciências e geografia as outras

disciplinas tinha mais relação com o meu cotidiano, e eu conseguia alcançar boas notas.

No ano de 1986, no Projeto Gavião iniciei meus estudos no 2º grau, atualmente conhecido como Ensino Médio, nessa época o curso era separado por áreas e você ao ingressar escolhia que área você se identificava mais, eu como já pensava em ser professora, escolhi o Magistério, que na época já lhe habilitava para dar aulas, o curso me proporcionou muitas oportunidades e descobertas. Aprendi a compreender melhor a prática educativa, a perder a timidez, entender como elaborar um planejamento e organizar o espaço educativo. Tive bons professores que foram de grande importância para a minha formação inicial no exercício da docência, pois me ajudaram a superar dificuldades. Eles sempre nos traziam palavras de incentivo, para que continuássemos a carreira do magistério. Eram defensores da escola pública. Sempre serei muito grata a todos os professores que contribuíram para que hoje eu chegasse a uma formação acadêmica. Olhando para o passado, também me lembro das dificuldades enfrentadas. Hoje, me considero uma mulher de sucesso porque, em meio a grandes tempestades da vida, consegui concluir o 2º grau, e chegar à Faculdade. Assim, cheguei a esse nível de ensino com muita satisfação e com a certeza de que não desistiria do curso porque como contratada da rede municipal minha permanência como professora em sala de aula, estava dependendo da conclusão do meu curso, e eu não queria nem podia perdê-lo. Me identifico com a profissão. E sabia que dependeria do meu comprometimento nos estudos. Por meio do curso 2º grau – Magistério, dessa instituição de ensino, adquiri muitos conhecimentos, construí muitos laços de amizade, conseguindo vencer mais uma etapa da minha vida escolar.

Recordando aqueles momentos, baseio no exposto por Rogers (1970, p. 191): “O homem é um ser que vive, pois ele experiência, sente, avalia, escolhe, acredita e atua não como um ser autômato, mais como pessoa”. O Magistério me proporcionou grandes descobertas profissionais. Foi lá que realmente me identifiquei com a docência. A partir daí, comecei a ter um olhar mais reflexivo diante da minha prática pedagógica. Para Farias (2009, p.77),

A formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança.

A formação do professor deve ser constante. Assim como alimentar-se é essencial à vida, a aquisição de cada vez mais conhecimento é essencial à prática docente. Há necessidade de estar envolvido na busca constante de respostas para os questionamentos e refletir sobre a própria prática para que aconteçam mudanças essenciais que favoreçam uma melhor aprendizagem dos alunos.

Paulo Freire (1996, p. 32) afirma que “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”. Portanto, pesquisar é buscar compreender criticamente o que só ocorrerá, se o professor souber pensar. Para Freire, saber pensar é duvidar de suas próprias certezas, questionar, suas verdades. Se o educador faz isso, terá facilidade de fazer com seus alunos, cresçam em aprendizado. No curso de Magistério realizamos estágio que foi realizado na Escola em que estudei meu ensino fundamental, no ano de 1988 nas turmas de 2ª e 3ª séries.

A primeira etapa foi apenas para observação do ambiente escolar, a rotina e o relacionamento entre professor e aluno e a socialização da turma. Na segunda etapa, realizamos mais observações e enfim a regência. O que também foi uma experiência nova e muito enriquecedora para mim, visto que nunca tinha estado em uma sala de ensino fundamental. No início, confesso que houve insegurança porque estava sendo avaliada e observada pela professora da turma, o que me deixou nervosa. Ela fazia intervenções em alguns momentos, fazia observações, mas ainda pude perceber o tradicionalismo nessa época. Terminei o estágio e alcançando meu objetivo, a certeza de ter feito um bom estágio foi quando a professora me deu os parabéns e adquiri uma excelente nota. Terminei meu 2º grau em 1999.

3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Minha trajetória profissional teve início em 1997 eu ainda me encontrava cursando o antigo 2º grau, quando fui trabalhar como professora na localidade onde nasci rio Maúba – Zona Ribeirinha do Município de Abaetetuba. Naquela época havia grande carência de professores na região das Ilhas, as famílias que ali habitavam eram de origem humilde, muitas não tinham como deslocar seus filhos para a cidade para continuar seus estudos, a escola da localidade ensinava apenas até a 4ª série, nessa época me senti muito privilegiada de ter estudado e poder então voltar a minha comunidade e poder ajudar outras pessoas. Nessa época existia o Projeto Gavião que era de responsabilidade da Universidade Federal do

Pará, e tinha como finalidade promover a habilitação dos Professores Leigos ao Nível de Ensino Fundamental e Médio (área de Magistério).

O projeto foi aprovado pela Resolução nº 090/1984 – CEE referente ao curso de Magistério – 1ª a 4ª série fundamental. Inicialmente o projeto foi proposto e coordenado pelo Professor David Maria de Amorim e Sá, então coordenador no município de Castanhal. Gradativamente foi se expandindo, atingindo mais de cinquenta municípios. Em 1992, houve convênio com a Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, alcançando 107 (cento e sete) dos 128 (cento e vinte e oito) município, matriculando-se cerca de 10.700 (dez mil e setecentos) professores leigos, obedecendo a grade curricular da SEDUC. O projeto era realizado por etapas, nos períodos de recesso ou férias escolares. O quadro docente é formado por professores com Licenciatura Plena, cuja designação cabe a Secretaria Municipal de Educação e/ou à Universidade Federal do Pará através dos Campi. O objetivo primordial do projeto consistia em capacitar os professores leigos a nível médio/magistério nos municípios do interior do estado do Pará, da rede municipal de ensino, e escolarização ao nível de ensino fundamental, quando for o caso. (Projeto Gavião, Universidade Federal do Pará – Relatório Proex)

Foi com o auxílio de minha primeira professora, a tia Maria José, que ingressei no Projeto Gavião I, que qualificava os professores de magistério, isso em 1995, conclui com êxito minha participação neste projeto, e no ano de 1999, conclui minha participação, também com sucesso, no Projeto Gavião II. Nessa época eu já ministrava aulas desde 1997, em uma casa, onde a família cedia a sala, visto que não contávamos com prédio próprio para realização das aulas. Trabalhei em uma turma multisseriada, que englobava os Jardins I, II e III, com 28 alunos. Lembro que me deparei com inúmeras dificuldades, como a falta de experiência, depois veio a falta de merenda escolar, o que reduzia nosso tempo de aula, o transporte escolar, também causou muita desistência, faltava material didático, e outros. Quando ingressei na profissão, procurei sempre estar presente ativamente nos cursos de Formação promovidos pela SEMEC, o primeiro que participei era direcionado à Educação Infantil, o curso durou três dias e me auxiliou muito no desenvolvimento do trabalho com as crianças, estivemos vivenciando várias metodologias, participamos de oficinas muito interessantes. Em 1998, continuei desenvolvendo meu trabalho com a turma de Educação Infantil também, apenas em 1999 conclui o curso de Magistério, mesmo ano em que casei e mudei para outra localidade, na

qual resido até os dias atuais, passei a realizar meu trabalho no Rio Ajuai – Zona Ribeirinha do Município de Abaetetuba, no mesmo ano, já no segundo semestre assumi uma turma de 4ª série, que era até então de responsabilidade de minha cunhada, ela saiu para gozo da Licença maternidade, e eu, fui convidada a assumir a classe, uma turma de 22 (vinte e dois) alunos, minha experiência na Educação Infantil era pouca, a turma exigia outras responsabilidades, enfrentei muitas dificuldades porque nunca havia entrado em contato com uma turma de 4ª série, tudo era diferente, em relação à idade, aspectos cognitivos, socialização, entre outros. Mas, vi tudo como um desafio, continuei me aprofundando e buscando cada vez mais conhecimento, ao final do ano obtive como estatística aprovação de 20 (vinte) apenas 02 (dois) ficaram reprovados. Encarei esse resultado como um incentivo, percebi que fiz um bom trabalho, e mesmo com tantas dificuldades foi perceptível o progresso e desenvolvimento das crianças. Tudo isso me influenciou a continuar e que eu não me acomodasse e buscasse cada vez mais conhecimentos.

Em 2002, surgiu a oportunidade de trabalhar no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), nossa mais um desafio, um programa que trabalhava com crianças em situação de vulnerabilidade! Projetado pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), ele:

Era o conjunto de ações que têm o objetivo de retirar crianças e adolescentes menores de 16 anos do trabalho precoce, exceto na condição de aprendiz, a partir de 14 anos. O programa, além de assegurar transferência direta de renda às famílias, oferece a inclusão das crianças e adolescentes em serviços de orientação e acompanhamento. A frequência à escola é uma das exigências. Onde a família procuraria espontaneamente a gestão do Cadastro Único no município para solicitar a inclusão do no Programa. A Assistência Social do município pode também identificar trabalho infantil na família e encaminhá-la para o programa. A responsabilidade de desenvolvimento do programa e diagnóstico das situações é o Ministério de Desenvolvimento Social e as Secretarias de Assistência Social estaduais e municipais. (Fonte: mds.gov.br)

Durante 04 (quatro) anos fui monitora, e participei de vários cursos ofertados pela Assistência Social, que também foram de suma importância à criação de prática pedagógicas que nos auxiliaram no desenvolvimento do trabalho com as crianças e adolescentes.

Quanto mais passava o tempo, mais me identificava com a profissão de educadora e comecei a pensar em uma formação a mais que me garantisse mais conhecimento na área, eu já iniciava nesse momento meu interesse pelo curso de Pedagogia.

Quando comecei a trabalhar, não sabia o que era planejamento nem como se construía um. Muitas vezes, ficava me perguntando: como será que o planejamento é feito? Não sabia fazer planos de aula bem elaborados, estava acostumada com o tradicionalismo a mim imposto por longos anos, depois desses cursos de formações entrei em contato com profissionais que abriram minhas reflexões. Chotten (2007, p.55) citado por Silva (2009, p. 15), e afirma

[...] quando analisamos a prática pedagógica de qualquer professor, vemos que, por trás de suas ações, há sempre um conjunto de ideias que os orienta. Mesmo quando ele não tem consciência dessas teorias, elas estão presentes. É, a partir da observação, da investigação e do contato com os professores e alunos da escola que o futuro professor elabora um perfil que norteará sua prática pedagógica.

Refleti então que a relação professor-aluno pode ser muito saudável e cheia de descobertas. A cada momento, eu podia aprender com os discentes, assim como eles comigo. O trabalho no PETI marcou muito a minha direção profissional, pois ia além de educar apenas por educar, orientar apenas por orientar, ele era contextualizado, vivenciado por cada participante do projeto e nós tínhamos que estar de acordo com o contexto deles. Cavalcante (2006, p.9), cita Moraes

Como seres humanos amorosos, direcionamos as nossas vidas em busca da essência do amor, aquele amor que liberta e compreende, aquela fonte inesgotável de energia inspiradora de nossos desejos, esperanças e aspirações. Buscamos o amor como expressão máxima da vida, como aceitação do outro, como atenção genuína com o outro, como expressão de harmonia, cuidado e zelo.

A atuação no programa me fez refletir minha atuação enquanto professora, visto que precisamos ser exemplos de seres humanos amorosos, vivendo, na prática, a solidariedade, a aceitação do outro, o respeito às diferenças. Enfim, vivendo os valores dentro da nossa sala de aula para que nossos alunos possam espelhar-se em nós. Sabemos que não tem sido fácil porque muitas vezes a criança reflete na sala de aula o que vivencia em casa ou no bairro onde mora, isto é, violências domésticas, urbanas e desrespeitos morais e éticos. Nós, educadores, ficamos com a responsabilidade de tentar contribuir para a formação do caráter desses alunos que, muitas vezes, têm pais ausentes. Sem o cuidado e sem o carinho, a vida não tem sentido, e a chama da vida tende a se extinguir rapidamente.

Sinto muitas saudades do tempo em que prestava serviço ao PETI, principalmente pelos saberes adquiridos nessa época, pois cada colega, cada criança, cada adolescente com quem tive o prazer de conviver nessa caminhada profissional tiveram sua contribuição na construção do meu fazer pedagógico. Tenho

certeza de que houve muitas trocas de conhecimentos. Se hoje estou concluindo um curso de licenciatura em Pedagogia, devo, primeiramente, a Deus, e em segundo as pessoas que me proporcionaram tais desafios e experiências. Sou crente de que nada acontece por acaso e que para tudo Deus tem um propósito. Tudo que vivi, me fez, hoje, considerar importante que o professor deve levar em consideração a vivência de cada educando e seus conhecimentos prévios porque, ao chegar à aula, eles já trazem algumas noções de letramento, já que estão inseridos em um mundo de letramento. Visto que a nova concepção de alfabetização a leitura é uma prática social, a qual está inserida no cotidiano dos educados, o que é confirmado por Freire (2001, p. 60): “aprender a ler e escrever, já não é, pois memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da língua”.

Dessa maneira, não basta apenas que o aluno aprenda a ler e a escrever, é necessário que ele seja um leitor crítico e um produtor de textos capaz que assuma pontos de vistas diferentes dos impostos a ele, e além disso defende-los argumentando, isso garante sua participação ativa nos processos sociais como cidadão crítico e reflexivo.

Toda essa experiência apenas fez com que aumentasse gradativamente em mim o desejo de obter minha formação voltava para o que tanto eu ansiava, meu curso para graduação agora mais do que nunca seria o de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde eu sabia que encontraria subsídios para minha vida profissional. No de 1999 entrei para o quadro de funcionários efetivos da Prefeitura Municipal de Abaetetuba, por meio de contrato cargo de Professor Titulado I, com formação no 2º grau – Magistério.

3 FORMAÇÃO ACADÊMICA

Já atuando como professora contratada, com formação no Magistério. No ano de 2013, tive a oportunidade que tanto esperei, de finalmente ingressa no curso Superior e o mais importante no curso que eu desejava, meu ingresso se deu pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), que

Na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação

Superior – IES. O Programa fomenta a oferta de turmas especiais em cursos de:

I. Licenciatura – para docentes ou tradutores intérpretes de Libras em exercício na rede pública da educação básica que não tenham formação superior ou que mesmo tendo essa formação se disponham a realizar curso de licenciatura na etapa/disciplina em que atua em sala de aula;

II. Segunda licenciatura – para professores licenciados que estejam em exercício há pelo menos três anos na rede pública de educação básica e que atuem em área distinta da sua formação inicial, ou para profissionais licenciados que atuam como tradutor intérprete de Libras na rede pública de Educação Básica; e

III. Formação pedagógica – para docentes ou tradutores intérpretes de Libras graduados não licenciados que se encontram no exercício da docência na rede pública da educação básica.

O Objetivo do Parfor é induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País.

O programa funciona da seguinte forma anualmente a Capes divulga o Calendário de Atividades do Programa. Nele estão definidos os prazos e as atividades a serem realizadas pelas secretarias de educação estaduais, Municipais e do DF, os Fóruns e as IES e o período das pré-inscrições.

Para concorrer à vaga nos cursos ofertados, os professores devem: a) realizar seu cadastro e pré- inscrição na Plataforma Freire; b) estar cadastrado no Educacenso na função Docente ou Tradutor Intérprete de Libras na rede pública de educação básica; e c) ter sua pré-inscrição validada pela Secretaria de educação ou órgão equivalente a que estiver vinculado. (Fonte: www.capes.gov.br/educacao)

Eu estava imensamente feliz porque consegui vencer os obstáculos que, muitas vezes, se levantaram para tentar me fazer parar na caminhada. Enfrentei muitas barreiras, visto que eu estava há anos sem entrar em uma sala e aula como discente, e isso é preocupante desde os níveis de concentração até o medo do que viria pela frente. Ouvi palavras negativas de algumas pessoas, que diziam que eu não conseguiria terminar o curso, ou eu era muito difícil e aqui estou eu com perseverança escrevendo meu Memorial. Essa negatividade me fez acreditar ainda mais no meu sonho e estudar com muito esforço para conseguir passar em cada disciplina, e foi muito difícil, eu mãe de três filhos, professora contratada, dona de casa e no espaço de férias, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Campus Universitário de Abaetetuba. Todos os dias, eu parava para estudar um pouco, quando chegava do trabalho procurava ler materiais, que seriam cobrados futuramente.

O objetivo do curso de Pedagogia é formar profissionais para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Nos cursos do ensino médio, modalidade normal de educação profissional, na área de serviço e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos,

como hospitalar e agora também empresarial. O mesmo propõe-se também à qualificação técnica, científica, pedagógica e cultural do professor para o ensino fundamental (1º ao 5º ano) objetivando a ampliação, o fortalecimento e aprimoramento de suas competências intelectuais e profissionais, numa perspectiva humanística, de modo que seja capaz de assumir, enquanto cidadão e educador, uma participação consciente, ativa e construtiva nos processos educativos e sociais visando o exercício pleno da cidadania. Minhas aulas tiveram início ano 2011. No primeiro dia de aula, fomos bem acolhidos pela equipe da UFPA e foi com muita satisfação e expectativas que ingressei no curso de Pedagogia. Cursar o nível superior contribuiu para o aumento de minha autoestima e me senti alguém importante. Por muitas vezes cheguei a pensar que esse dia nunca se tornaria realidade por não ter condições financeiras de pagar uma universidade. Ao adentrar a primeira vez a sala da Universidade como graduanda me senti vitoriosa por mais esse grande passo. Meus agradecimentos se elevaram a Deus pela graça alcançada. Tinha completa certeza de que, a partir de daquele dia, muita coisa mudaria na minha vida para melhor, principalmente na área profissional, as pessoas também passariam a me olhar forma diferente.

O mundo acadêmico, me surpreendeu com a metodologia adotada pelos professores a qual não se restringe apenas ao ensino e à informação, mas também envolve propostas de participação em todo processo. Os professores apresentaram uma ótima relação com os discentes e procuravam sempre entender as dificuldades e problemas de cada um, tendo em vista a interação constante em todas as aulas ministradas favorecendo assim a construção de novos saberes.

Com o objetivo de atingir os melhores resultados na aprendizagem dos alunos foram utilizadas diversas estratégias, entre elas: seminários, palestras, oficinas, aulas de campo entre outras. A partir das propostas apresentadas, foi possível perceber as ações pedagógicas de trabalho didático que contribuiu de forma concreta com a metodologia a ser desenvolvida pelos graduandos, partindo sempre dos conhecimentos prévios dos alunos, estabelecendo, dessa maneira, relação direta com cotidiano no processo de aprendizagem.

As propostas de aprendizagens proporcionadas pelo curso foram muito significativas e, aos poucos, consegui superar algumas dificuldades, tais como: a timidez, no momento dos seminários apresentados, nas discussões e na compreensão dos textos explorados. Eu tinha consciência de que a mudança em

minha prática teria que partir acima de tudo do meu interior. Esses momentos de estudos e busca de conhecimento me familiarizaram com as novas metodologias de ensino, levando-me a reflexões e, conseqüentemente, à mudança. Percebia, porém, que alguns aspectos do ensino tradicional não poderiam ser desprezados, e sim, renovados. A partir das trocas de experiências, passei a conhecer o trabalho dos colegas e o funcionamento de outras escolas. Faz-se necessário o educador se conscientizar de que a aprendizagem se consolida com a participação das diversas esferas da sociedade, não se limitando apenas à sala de aula.

Dessa forma, de acordo com o os PCN introdução (BRASIL, 1997, v. 1, p. 54), a construção do conhecimento é um procedimento que não pode ser dissociado do contexto em que o aluno está inserido, deixando claro que:

Os alunos não contam exclusivamente com o contexto escolar para a construção de conhecimentos sobre conteúdos considerados escolares. A mídia, a família, a igreja, os amigos. São também fontes da influência educativa que incidem sobre o processo da construção de significado desses conteúdos. Essas influências sociais normalmente somam-se ao processo de aprendizagem escolar, contribuindo para consolidá-lo, por isso é importante que a escola as considere e as integre aos trabalhos.

Creio que a escola como lugar de aprendizagens e trocas de conhecimentos precisa levar em consideração as aprendizagens adquiridas em todas as esferas do conhecimento, respeitando os saberes e a cultura dos alunos adquiridos em outros ambientes, realizando estudos, pesquisas e planejamento, procurando melhorar o ensino e aproximação dos familiares no processo de aprendizagem das crianças.

Dentre os vários conhecimentos adquiridos durante o curso, citarei contribuições que algumas disciplinas me possibilitaram no exercício de reflexão pedagógica, que serão de grande contribuição para a minha formação contínua. Procuro ainda relacionar alguns conteúdos estudados durante esta trajetória acadêmica demonstrando um novo olhar pessoal e adquirido com o ingresso na UFPA.

Qualquer profissional precisa ser cada vez mais competente no seu ofício. Principalmente, nós, professores, precisamos ser comprometidos com a educação, gerando em nossa sala de aula um ambiente de conhecimentos, experiências e descobertas, para que professor e alunos aprendam juntos. O que deixa claro que um dos principais objetivos da escola é promover a formação integral dos alunos nos aspectos psíquicos, cognitivos e motores, respeitando não só as diversidades, mas também os conhecimentos e aprendizagens das crianças. Aprendi também que o

projeto político pedagógico: não deve ser construído sozinho, mas em coletividade, com os professores e gestores, alunos, pais ou responsáveis, representantes da comunidade, funcionários, pessoal administrativo e de apoio, e que este não nasce de uma só vez: é um direito e um dever da escola. Um direito porque, por meio dele, a escola consolida sua autonomia e os seus atores podem pensar, executar e avaliar o próprio trabalho. Um dever por se tratar do elemento responsável pela vida da escola em seu tempo institucional. Ele precisa ser um documento dinâmico, democrático, capaz de representar e orientar a vida na escola.

As disciplinas estudadas me proporcionaram a compreensão do processo de ensino e aprendizagem paralelo à Psicologia, dando realce à importância do perfil do professor progressista e observador, pois sabemos que cada sujeito possui sua individualidade, sua maneira de pensar e de agir. O docente deve ter o cuidado de observar atentamente o desenvolvimento de seus alunos e levar em consideração que a interação, o contato com o outro e com o meio influi na formação do indivíduo. No decorrer do meu curso pude compreender que o professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica. Uma é o planejamento da situação de aprendizagem, para a qual tenta criar condições ideais: oferecer as informações, montar propostas de trabalho de tal forma que aluno ponha em jogo o que sabe, arriscando-se, avançando e compreendendo mais a frente o que sabia. O outro eixo do seu trabalho é a intervenção propriamente dita no processo que está acontecendo, no qual o aluno, os grupos ou a classe diante de uma situação proposta realizam atividades e o professor participa desenvolvendo vários papéis. Em relação à aprendizagem do aluno, a correção é fundamental, porque corresponde exatamente a intervenção que se espera do professor, chamar a atenção do aluno para alguma inadequação da atividade que está sendo realizada, reorientar a ação do aprendiz e alertar sobre algo que ele não considerou ou não percebeu, levantar questões que o ajudem a pensar sobre aspectos que ele não tinha se dado conta, porque o objetivo do ensino é que o aluno aprenda e produza cada vez mais e melhor não que tenha um caderno perfeito.

Partindo para a metodologia do ensino da matemática, considero essa disciplina muito importante no processo educativo. Apesar de essa disciplina ser a que mais me deixava com notas baixas por não gostar de cálculos e mesmo escolhendo o ofício da docência não queria trabalhar com o ensino fundamental porque não gostava da disciplina e nem sabia como ensinar. Porém, os métodos

adotados pelas professoras tornaram as aulas mais dinâmicas, lúdicas e participativas, enfocando sua importância para as séries iniciais do ensino fundamental. Isso fez despertar o interesse pela matemática e, a partir de então, comecei a estudar sobre os números, as quatro operações básicas, considerando os aspectos históricos, tendo em vista que é interessante analisar a construção e a evolução histórica do sistema de numeração em outra época. A compreensão dos conteúdos deu-se com as práticas adotadas pelas professoras que possibilitaram o exercício de atividades diversificadas e dinâmicas através de jogos que serão um grande aliado na sala de aula para o ensino da matemática. Uma vez que os procedimentos irão colaborar na formação do cidadão, posto que o conhecimento matemático é um fato necessário e presente nas diversas situações cotidianas da sociedade.

Finalmente, todas as aulas eram iniciadas e nos provocavam a sentir e a pensar. Através de todos os conteúdos estudados, aprendi a ter um olhar reflexivo em relação ao outro. Percebi que sem sentimento de humanidade não há educação para a vida coletiva. Pois o amor é a base de tudo. Ele é o mais sublime dos sentimentos. Não se pode amar apenas por palavras, mas de fato e de verdade. E constitui papel da escola formar cidadãos que valorizem os sentimentos e emoções e respeitem o outro independente das diferenças sociais e culturais. A produção do conhecimento tem tudo a ver com a experiência do prazer. Quando essa dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Precisamos pensar a educação colocando em foco a corporeidade viva, na qual necessidades e desejos formam uma unidade.

Como sugere Moraes e Torres (2007, p.16),

Educar no sentir, pensar é educar em valores sociais, em convicções, em atitudes crítico-constructivas e em espírito criativo. É educar o outro na justiça e na solidariedade. É formar na ética e na integridade. “É educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas, sobretudo, para a “escuta dos sentimentos” e “abertura de coração”. É educar para a evolução da consciência e do espírito para que o ser humano atinja um estado de plenitude, em que já não será preciso reprimir ou negar a experiência do coração, da comunhão, do sagrado, reprimidas, durante séculos, pela chamada ciência.

A educação precisa, urgentemente, de profissionais que tenham essa visão de educar no sentir, pensar para que não só o cognitivo seja trabalhado, mas também os sentimentos, o cuidado com o outro, principalmente nos dias atuais, em que as escolas têm sido palco de violências entre alunos e professores. É preciso

que sejam trabalhados, no educando, os valores morais e éticos e, nos professores, a alegria de atuar com satisfação. Aprendemos no curso também as noções elementares de como agir frente ao aluno com necessidades especiais. Hoje, quando adentro minha sala de aula como professora, entro com um passo diferente, percebendo o quanto foi significativo esse estudo para minha formação. A partir dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, aprendi como lidar com as diferenças de cada aluno, e a buscar fugir da tradicionalidade. Traçando uma análise do curso, posso afirmar que todas as disciplinas tiveram sua contribuição para melhoria do meu fazer pedagógico. Sempre pensei no meu aluno, em preparar aulas que sejam significativas para sua aprendizagem. Sempre procurando trabalhar a formação cidadã. Concordo com Andrade quando este realça que “a educação e o amor são duas realidades inseparáveis, pois quem educa, necessariamente, ama e quem ama, necessariamente, educa”. Em suma, hoje, realmente sou professora. Tornei-me melhor com intuito de dar o melhor de tudo que aprendi àqueles que estão sob minha responsabilidade: os educandos.

Esses anos como graduanda do curso de Pedagogia ficou evidente a importância da reflexão sobre nossa prática pedagógica, Ficou muito evidente durante o curso de pedagogia a importância que devemos dar à reflexão sobre nossa prática pedagógica.

Todas as disciplinas que cursei, textos lidos, seminários apresentados, resenhas, artigos, tinha um foco: o processo dialético ação/reflexão. No curso de magistério pouco se falou do professor reflexivo, porém, hoje percebo a importância do ato de refletir sobre minha prática em sala de aula. A partir dessas reflexões busco aprimorar e transformar minhas aulas de modo que sejam significativas ao meu aluno, enfocando sua formação e sua realidade. No decorrer das aulas do curso ficou transparente a importância que se dá ao “homem” enquanto ser reflexivo. O homem é um ser que tem a capacidade de desenvolver comportamentos diversificados, pensar, raciocinar e agir diante de situações diversas, de acordo com suas ideologias.

Dessa maneira, a educação tem papel fundamental para nos tornarmos propriamente humanos. Além de reflexivo, somos críticos e únicos, cada um tem sua essência. O ato de refletir hoje é uma constante em minha vida, pois em muitas situações sinto a necessidade de voltar-me para o meu interior, fazer-me indagações

pertinentes à realidade e as verdades em que acredito, como objetivo de promover mudanças que serão enriquecedoras a minha vida.

Atuando como professora-educadora tenho a missão de refletir sobre minha prática educativa e sobre minha condição humana, buscando apropriar-me dessa reflexão para aprimorar e transformara realidade em que vivo e atuo, considerando minhas ideologias e valores que muito fazem parte da existência e constituição humana. Refletir o ser humano é voltar-se a sua essência, é vê-lo de forma geral, onde cada um de nós traz suas frustrações, desejos, medos, culpas. Isso nos constitui seres humanos. Então Saviani (2002, p.16) nos traz o significado da palavra reflexão:

“A palavra vem do verbo latino “reflectere” que significa “voltar atrás”. É, pois, um repensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. Poderíamos pois, dizer: se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão. Esta é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dado objetivos, de medir-se com o real.”

Refletir é uma ação essencial ao ser humano, e isso contempla todo meu processo de formação acadêmico e profissional. Refletir sobre os problemas do cotidiano focalizando analisá-los com cautela e atenção, buscando o aprimoramento da minha prática pedagógica é meu objetivo enquanto pessoa e profissional da educação. Durante o curso de graduação muito se falou também do olhar enquanto base de investigação para transformação da prática pedagógica. Pra mim ficou muito claro que é preciso olhar a educação com olhos de observadora. Um olhar sensível, que pensa, reflete, interpreta e avalia.

Cardoso (1988, p. 349)

“O olhar não descansa sobre a paisagem continua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento”.

Visão com utilizando razão e coração. Visão com objetivos de mudanças, evoluções. Visão para transformação e não ver para a estagnação da educação. O que o curso me trouxe enquanto profissional foi o desafio de concretizar esse olhar reflexivo que tanto me impressiona, visto que acredito nessa necessidade e procuro concretizá-la. É necessário falar também sobre o professor pesquisador e observador.

Ao dizer que precisamos mudar refiro-me também a mudança de opiniões e não só a prática pedagógica. Comentar que a educação no Brasil é de péssima qualidade, que os professores são despreparados, são maus pagos ou outras

críticas descabidas. Pude no decorrer do curso conscientizar-me dos motivos existentes para que a educação no Brasil não seja efetivamente satisfatória.

Muitos interesses cercam a educação, falações são feitas com belas e difíceis palavras. Ações só são efetivadas com interesses antecedentes. Pouco são levados em consideração o professor e o aluno que são as peças fundamentais desse jogo de poderes.

No contexto curso de formação de professores existem muitos aspectos importantes a serem levantados próprios ao nosso cotidiano, onde temos que ter perceptibilidade que é preciso conhecer para mudarmos nosso curso histórico. Para se fazer críticas é preciso conhecer afundo o assunto, ou ao invés de criticar estaremos nos perdendo em palavras.

O curso de pedagogia nos abre as portas para esse processo, onde é preciso conhecer, para depois formar opiniões sobre determinado assunto, e assim efetivamente criticar. Quando criticamos é porque refletimos sobre algum assunto, e podemos discursar com segurança sobre o mesmo. Acredito que além de ser crítico e reflexivo o professor deve também em sua sala de aula organizar-se para oportunizar aos seus educandos esse processo de reflexão. Trabalhar com a formação pessoas é uma responsabilidade muito grande. Considero que a formação deve ser voltada para a cidadania, educar para transformar, educação reflexiva. Freire (1979, p. 27) diz que:

“O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação”.

A reflexão é significativa quando se torna um processo dialético entre o momento em que estamos vivendo e o que desejamos. Apesar de ter tido uma educação autoritária e tradicional, voltada à memorização e a mecanização dos conteúdos, considero que exercitar o processo reflexivo é um ganho extraordinário enquanto profissional da educação. Considerando que durante toda idade escolar me foi subtraída a oportunidade de dialogar com os conteúdos apresentados, de construir o conhecimento, uma vez que eles vinham prontos e pré-definidos, resta-me, chegar a conclusão que o ato de educar numa visão tradicional foi meramente depositar ideias alheias e muitas vezes insignificantes, pois partíamos de conteúdos descontextualizados e isolados da realidade em vivia. As atividades mecanizadas e repetitivas eram colocadas sem procurar enriquecer o conhecimento do educando.

De acordo com Paulo Freire esse tipo de educação caracteriza-se pela presença de um professor depositante e um aluno depositário de educação.

Transpor as barreiras do tradicionalismo educativo é sempre um desafio, pois o método tradicional ainda está embutido nas escolas públicas, e é justamente isso que me desafia, livrar-me desse despejo de informações descontextualizadas e propor ao meu educando que também construa o conhecimento de modo contextualizado, significativo e reflexivo. Essa preocupação explicita a necessidade de pensar sobre a prática e através desse pensar tornar inteligível, compreensível e significativo o ato de educar. O aluno tem o direito de receber uma educação de qualidade, logo, tenho o dever e o compromisso de proporcionar a ele ferramentas que o leve a construir o conhecimento e a consciência crítica e reflexiva.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o detalhamento do conteúdo material do direito a educação escolar, logo o direito a educação de qualidade é previsto por lei. O ECA dedica a educação o capítulo IV:

- Do direito a educação, a cultura, ao esporte e ao lazer, que principia pelo artigo 53, estatuinto esse direito nos seguintes termos:

“ A criança e o adolescente tem direito a educação, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

I. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II. Direito de ser respeitado por seus educadores;

III. Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer as instancias escolares superiores;

IV. Direito de organização e participação em entidades estudantis;

V. Acesso a escola publica e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único: é direito dos pais ou responsável ter ciência do processo pedagógico, em como participar da definição das propostas educacional.”

O estatuto explica que o direito a educação não se restringe ao direito a vaga, mas é o direito ao ingresso, a permanência e ao sucesso. Percebe-se, portanto, que a responsabilidade pelo desenvolvimento do processo educativo pertence ao educador, obviamente que a obrigação de velar pelo integral asseguramento do direito de ser educado envolve um conjunto de ações, que exige a participação dos pais, dos professores, da direção da escola. Não tenho aqui a intenção de atribuir ao professor todas as responsabilidades que envolvem uma criança, mas sim de ter claro que o processo educativo para ser efetivo deve ter o empenho e a dedicação dos docentes.

Formar cidadãos, proporcionar uma educação crítica e reflexiva é um grande desafio a que me proponho, e tenho claro que essa concepção crítica só me foi possível através das leituras e discussões que tive no decorrer do curso de

pedagogia. Atentar-me para o novo olhar com objetivo de mudanças, melhoras, enriquecimento é grandioso. Sinto-me estimulada ao conhecimento. Perceber os parâmetros e desafios da educação, exercitar a criticidade, romper modelos, construir ações pedagógicas efetivamente viáveis, esse é o meu papel na sociedade e na educação. Posso hoje afirmar que escolhi ser professora, e hoje sou reflexivamente professora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da elaboração do memorial recordei-me de memórias e lembranças que me fizeram recordar de episódios da minha vida que haviam caído no esquecimento. Ao passo que escrevia essas memórias foi perceptível pra mim o quanto é importante e significativo e enriquecedor buscar uma relação entre presente, passado e futuro. Ao relacionar acontecimentos da minha vida com questões teóricas busco focar o processo de reflexão que acredito ser parte integrante da formação do professor. O curso de Licenciatura Plena em Pedagogia foi o antecedente desse processo reflexivo a que me proponho, pois foi através da leitura e discussões no decorrer do curso que apropriei-me criticamente da questão teórico reflexivo com o objetivo de enriquecer e interferir no meu trabalho em sala de aula. No decorrer do curso mudei minha percepção, que se deu na problematização de minha realidade, no confronto das contradições que as vezes percebo, no processo dialético entre as teorias e a prática. Não tenho minha formação como terminada, mas como um processo que está em continuidade, este curso foi parte complementar e significativa da minha formação. O conhecimento é infinito e constituído no decorrer da nossa história.

Posso dizer que aprendi que o professor deve ser constantemente um pesquisador buscando sempre soluções. Faz-se necessário que o professor avalie a si próprio e reflita para buscar embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica. Hoje estou convencida que esta prática deve estar centralizada em fazer fortalecer a construção do conhecimento, levando em consideração alguns requisitos como: o conhecimento antecedente, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo

processo educativo das crianças. Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos. Minha certeza é de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, me considero uma pessoa que venceu. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir visto que todo educador deve passar pelo processo de formação contínua.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.
- ALVES, Nilda. (org) **Formação de Professores: Pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, Cleusa Pires de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- BORGES, Tereza M. **Machado ensinando sem silabar**. Campinas: Papirus, 1998.
- BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática**. São Paulo: IME-USP, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular nacional da educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF. 1998. v. 3.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Introdução**. Brasília: MEC/SEE. 2001. v. 1.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1979. vol.1. 28ed. Trindade.A.L.e Santos. R. (orgs.). **Multiculturalismo. Mil e uma faces da escola**. RJ. : DP&A, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 1.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997. v. 2.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais**. 3. ed. Brasília: MEC/ SEF, 2001. v. 4.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história/geografia**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. v. 5.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física: 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 7.

CAVALCANTE, Kátia B. Pra abraçar a humanescência na pedagogia vivencial. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 13, 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD ROOM.

COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos, **Revista Espaço Acadêmico**, n. 64, set. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/064/64costa.htm>>. Acesso em: 02 FEV. 2017.

BRASIL, **Lei n. 8069**, de 13 julho de 1991. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

CARDOSO, Sergio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adcinto [et al]. **O olhar**. SP.: Cia. das letras. 1988

CRUZ, Maria Nazaré da; FONTANA, Roseli A. C. Psicologia e trabalho pedagógico. In: _____. **O papel da brincadeira no desenvolvimento infantil da criança**. São Paulo: Atual Editora, 1997.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. et al. Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. In: **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasil: Lider livro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não**. 5. ed. São Paulo: olho D' água, 1994.

FREIRE, Madalena (org). **Observação, registro, reflexão. Instrumentos Metodológicos**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa.

São Paulo: Paz e terra, 1996.

MORAES, Maria Cândida; TORRES, Saturnino de La. Sentirpensar sob o olhar poético: estratégias para reencantar a educação. Disponível em: <<http://www.ub.es/sentirpensar/pdf/sentirpensar-autopoietico.pdf>>. Acesso em: 20 JAN. 2017.

MORAIS, 1970. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

PARANA. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares de educação física para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Curitiba, 2008. Disponível em:<[http://.nre.seed.pr.gov.br/pitanga ... diretrizeseducacaofisica 200 .pdf](http://.nre.seed.pr.gov.br/pitanga...diretrizeseducacaofisica200.pdf)>. Acesso em 12 JAN. 2017.

PERISSÉ, Gabriel. **A Arte de Ensinar**. São Paulo, 2004. Saviani, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 14 Ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2002

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.

SILVA, Rogério Bernardo da. **Análise da relação entre o discurso e a prática avaliativa do professor na EJA**. 2009. 89 f. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2009.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Inez; CÂNDIDO, Patrícia. Os jogos na aulas de matemática. In: _____. **Jogos Matemática de 1º ano ao 5º**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZABALA, Antoni. As relações interativas em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In: _____. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR –
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELIANA GOMES PINHEIRO

REFLEXÃO: UMA BASE PARA MUDANÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

ABAETETUBA – PARÁ
2017

ELIANA GOMES PINHEIRO

REFLEXÃO: UMA BASE PARA MUDANÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, como requisito básico para obtenção de Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR. Orientado pela professora Rosângela Garcia.

ABAETETUBA – PARÁ

2017

SUMÁRIO

1-	INTRODUÇÃO.....	4
2-	TEMA	5
3-	JUSTIFICATIVA	6
4-	PROBLEMA	7
5-	OBJETIVO.....	8
	5.1 – Geral.....	9
	5.2 – Específico.....	9
6-	METODOLOGIA	9
7-	REFERENCIAL TEÓRICA.....	10
8-	CRONOGRAMA.....	11
9-	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
	REFERÊNCIAS.....	13

1- INTRODUÇÃO

O memorial é uma reflexão sobre os fatos mais importantes da vida do acadêmico e relaciona sua vida com o exercício do magistério e com as problemáticas sociais e/ou raciais;

A escolha pelo Memorial é uma forma de retratar o que nos leva a escolha profissional, pois nele constará uma reflexão sobre as passagens mais marcantes da vida como discente e como docente do acadêmico, e traça a relação com os desafios do ensino-aprendizagem, a educação como prática transformadora da vida social e as potencialidades e limites do espaço escolar;

Deve-se relacionar sua trajetória pregressa com as temáticas etnicorraciais, suas vivências como educador e suas experiências no trato da educação para as relações etnicorraciais;

O Memorial Descritivo de formação é portanto uma autobiografia que descreve, analisa e critica acontecimentos sobre a trajetória acadêmico-profissional e intelectual do candidato, avaliando cada etapa de sua experiência. Recomenda-se que o memorial inclua em sua estrutura seções que destaquem as informações mais significativas, como a formação, as atividades técnico-científicas e artístico-culturais, as atividades docentes, as atividades de administração, a produção científica, entre outras.

2- TEMA

O tema escolhido foi **“Reflexão: uma base para mudança na prática pedagógica”**, visto que partindo da análise de nossas próprias ações conseguiremos refletir sobre eu prática utilizaram durante nosso processo de ensino-aprendizagem e sobre que práticas deveremos adotar a partir dessa análise, haja visto que traçando um perfil poderemos nortear nossa prática, e melhorar, aprimorar ou ainda alterar totalmente tudo que já conhecemos, tentando obter o melhor resultado possível no processo de ensino-aprendizagem. Refletir o que vivemos, como nos comportamos e os resultados obtidos é um norteamento para melhorias.

3- **JUSTIFICATIVA**

A opção pelo Memorial e não pelo Trabalho de Conclusão de Curso tradicional – se deve pela oportunidade de produzir uma narrativa sem a limitação do espaço e que tenha o objetivo claro de reflexão. Podemos afirmar que a experiência tem grande relevância no processo reflexivo do profissional. Sendo assim, o meio escolhido é o Memorial Acadêmico, que fornece mais liberdade de tamanho e linguagem e com a qual me identifico. No memorial, irei desenvolver a abordagem teórica com base nas leituras e no aprendizado durante a faculdade.

O tema se justifica, primeiramente, pela necessidade de refletirmos nosso processo avaliativo enquanto docentes. Por isso a importância desta forma diferenciada de temática para a produção de final de curso.

4- **PROBLEMA**

Analisando o cenário educacional brasileiro na atualidade percebemos que ainda está enraizado o tradicionalismo nas práticas pedagógicas, e todo educador deveria sentar e refletir sua história, de que forma adquiriu conhecimento, como este lhe foi repassado, de que forma, este ato de refletir a própria história servirá como base de sustentação para a criação de sua prática e esta poderá seguir o que lhe foi proposto, seguindo o modelo tradicional ou propor inovações que busquem mudar o quadro educacional brasileiro atual.

5- **OBJETIVO**

2.1- GERAL:

Produzir narrativa traçando a linha com os principais fatos dos quais fui personagem tanto na vida familiar quanto docente e acadêmica, em linguagem formal. Passando por todas as etapas de minha formação e realçando o aspecto prática pedagógica, enfatizando minha vida enquanto aluna, depois como professora e acadêmica.

2.2 – ESPECÍFICO:

A intenção, mais que abordar o tema, é tratá-lo de forma mais analítica, com foco nos personagens envolvidos no processo. Por meio do memorial, este trabalho pretende levantar reflexões sobre o respeito à diversidade avaliativa – que pressupõe o conhecimento do outro – e o reconhecimento deste. Por fim, incentivar a reflexão de vida para melhoria profissional.

6- **METODOLOGIA**

Para escrita do Memorial buscarei reviver memórias de toda minha vida estudantil, minha trajetória enquanto docente e principalmente minha vida acadêmica, também farei uma revisão de literatura para casar as informações formalizando a relação teoria prática, o memorial será um produto resultante de tudo que vivenciei até hoje, com tudo que obtive como aprendizado no universo acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O memorial (do latim Memoriale) é a escrita de memórias e significa momento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis. O momento – que quer dizer ‘lembra-te’ – de modo geral pode ser compreendido como uma marca que serve para lembrar qualquer coisa.

Elaborar um memorial descritivo é reconstruir a própria existência. Essa não é uma tarefa fácil, pois, na opinião de Boaventura (1995), “memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades.”

Sendo assim ao elaborar este memorial levei em conta a crítica e autocrítica do desempenho acadêmico ao longo da minha trajetória. Neste ensejo procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerência e

incoerências, e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha trajetória acadêmica que envolve o pessoal e profissional.

O desafio proposto é resgatar fragmentos das experiências passadas conscientes e “inconscientes” que possam dar vida ao Memorial de Trajetória Acadêmica e as transformações percebidas no decorrer dessas experiências.

Procuo destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional.

Além de considerar este memorial auto avaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos.

7- CRONOGRAMA

ATIVIDADES/ MÊS	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
Levantamento das memórias de infância por escrito	X	X					
Levantamento das memórias de vida escolar por escrito		X	X				
Levantamento das memórias como iniciação docente por escrito			X	X			
Levantamento das memórias acadêmicas por escrito			X	X			
Revisão de Literatura			X	X	X		
Condensamento de Informações					X		
Escrita do pré-projeto do Memorial					X	X	
Apresentação do Memorial escrito							X

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida vai nos mostrando ao longo das experiências que temos grandes desafios em nossa trajetória de vida, seja ela no âmbito profissional ou pessoal, e cada experiência da vida. Cada experiência nos coloca a frente de novas descobertas e lutas. E acima de tudo nos põe fortes para viver novos momentos, travar e vencer novas batalhas que nos levarão ao sucesso na vida. Traçar memórias de nossa história nos leva a refletirmos sobre nosso papel, como melhorar para que nossa contribuição para o processo ensino-aprendizagem seja o melhor possível.

O ganho mais valioso, entretanto, considero ter sido o pessoal. Não apenas refleti sobre o processo do qual faço parte, mas refleti sobre mim, hoje com uma outra visão do que nos rodeia.

REFERÊNCIAS

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BOAVENTURA, E. M. Memorial. 1995. Acesso em Dezembro/2016